



BRASIL EM CAMPO

NELSON RODRIGUES

BRASIL EM CAMPO
CRÓNICAS

ORGANIZAÇÃO
SONIA RODRIGUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

ÍNDICE

© 2018, Espólio de Nelson Falcão Rodrigues
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Brasil em Campo*
Autor: Nelson Rodrigues
Organização: Sonia Rodrigues
Prefácio: Marcos Caetano
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares),
sobre fotografia de Bigode (João Ferreira)

1.ª edição: Julho de 2018

ISBN 978-989-671-445-1
Depósito Legal n.º 442754/18

Notas sobre a organização, <i>por Sonia Rodrigues</i>	11
Prefácio: Nem toda unanimidade é burra, <i>por Marcos Caetano</i>	15
No Brasil, o futebol é que faz o papel da ficção	21
Só os profetas enxergam o óbvio	24
O brasileiro paga para não admirar	26
É preciso ver os magros com a pulga atrás da orelha	29
Narciso às avessas, que cospe na própria imagem	32
Quem ganha e perde as partidas é a alma	35
O Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética	38
A chamada consciência humana é o medo do rapa	41
Uma bofetada muda não ofenderia ninguém	43
Para o jogador de caráter, uma vaia é um incentivo fabuloso	46
Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com «x» iam ler a vitória no jornal	49
Feliz do povo que pode esfregar um Garrincha na cara do mundo!	52
A Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado	55
A derrota dos cretinos	58
O pior dos brasileiros é o que se supõe um lorde inglês	62
Nós vivemos das rendas do passado	64

Todos somos hipócritas para não confessar a nossa desolada solidão	65	Ninguém acredite na virtude de cara amarrada	130
Tristíssimo Brasil	68	A força da burrice	133
O doce e truculento João	71	O sucesso é um risco de vida	135
O grã-fino não quer nada com o Brasil	73	No Brasil, a delícia do Poder é o seu abuso	138
O brasileiro morre por uma frase, mata por uma frase	76	Eis a verdade nacional: juiz não tem horário!	140
Quem é o chuta?	78	Vivemos na terra onde se cochicha o elogio e se berra o insulto	143
Quando o brasileiro acredita em si mesmo, é imbatível	81	Com paletó, Garrincha é um vago Manuel dos Santos	145
O time nacional tem que se achar o melhor do mundo	83	O videoteipe é muito menos burro do que parece	148
Como é que se identifica um cretino fundamental	85	O escrete inglês é o Bonsucesso com Rainha e Esquadra	151
Os mistérios da personalidade	87	Futebol é paixão	153
O grande ouvinte é o homem que faz ficção	89	O grã-fino rasga dinheiro na vista e quer médico de graça	156
Para que uma ditadura assim inédita e assim feroz?	91	À sombra dos canalhas em flor	158
A loteria esportiva coincidiu com o Brasil descoberto em 1964	94	Não há nada mais real, concreto, mais escorchante do que Papai Noel	160
O brasileiro novo-rico procura vingar-se de todas as privações passadas	97	Sem um mínimo de paixão não se consegue chupar nem um Chicabon	162
O brasileiro não gosta que concordem com ele	100	A paixão é mais importante do que a bola	164
O brasileiro tem alma de feriado	103	Tudo é possível na Jules Rimet, menos uma boa ação	166
Não se improvisa uma derrota	105	Marmanjo beijando marmanjo?	169
Não se faz política com bons sentimentos	108	O palpite errado tem sido o pão espiritual de milhões de brasileiros	171
A fortuna tem um defeito: é conhecida demais	110	Nas suas depressões, o brasileiro tem pavor de uma carrocinha de Chicabon	174
O povo e a Rainha	113	Seus jogadores dormiam numa alcova de cetim e jogavam de sapatos de fivela	177
O futebol menor não tem manchete	115	O brasileiro é o abutre de si mesmo	180
A partir do Méier, o brasileiro começa a ter saudades do Brasil	118	Eu e o João	183
O apelido corrige e denuncia a mistificação do nome	121	A multidão não é humana porque lhe falta cara	185
Para saber da atualidade nacional — só recorrendo aos idiotas mais à mão	123	Amor é exclusividade	187
Avenida Atlântica, de Forte a Forte, quatro quilômetros de umbigos	128		

NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO

No Brasil, é difícil encontrar um otimista	189
O imparcial só merece a nossa gargalhada	192
Tudo no Brasil está para ser profetizado	193
O que marca o campeão é a sorte, ou seja — uma virtude sobrenatural	196
Garrincha ou Werther?	197
Além de ser cronista, sou um dramaturgo	199

Nelson Rodrigues foi um escritor de jornal diário. São milhares as suas crônicas, as mais saqueadas do país, segundo ele disse em vida.

Ninguém sabe quantas crônicas Nelson Rodrigues escreveu, ninguém até hoje reuniu todas. Deveríamos fazê-lo. Talvez criar uma Fundação Nelson Rodrigues com uma equipe permanente de pesquisadores que reunisse sua obra, catalogasse por assunto, cotejasse as repetidas, difundisse seu estilo e suas frases.

Comecei, há 12 anos, o esforço de fazer isso, mas, infelizmente, me faltam recursos para empreender a pesquisa que precisa ser feita. Por isso, no conjunto das 71 crônicas aqui reunidas, algumas estão sem data e sem veículo.

Cinquenta e nove crônicas foram selecionadas do acervo conseguido em pesquisas coordenadas por mim. Outras 12 foram retiradas dos livros *À sombra das chuteiras imortais* e *O remador de Ben-Hur*, publicadas pela Companhia das Letras, em 1993 e 1996.

Busquei neste livro preencher uma lacuna que sempre me inquietou: onde foi, em que contexto Nelson Rodrigues disse suas frases lapidares, repetidas à exaustão, até hoje, em bares, reuniões, palanques, palcos. Fiz das frases títulos que não existiam quando foram publicadas por meu pai nas suas colunas em jornal. «À sombra das chuteiras imortais». «Meu personagem da semana».

Decidi abrir este volume com o texto onde ele compara o futebol, no Brasil, com a ficção nos outros países.

Tentei evitar repetições, mas deixei, de propósito, duas crônicas sobre a riqueza do Paulo César, o jogador de futebol, célebre pelos que consideravam suas idiossincrasias. Uma crônica era do final de outubro, outra do início de novembro de 1971. Reparem que não é mera repetição. O mesmo tema, o mesmo personagem e aspectos distintos da alma brasileira.

A mesma coisa com os cretinos fundamentais. Ou com a nudez. A obsessão dele não era o cretino, a inveja, a nudez. A obsessão dele era o Brasil.

Mantive três seguidas sobre o torcedor brasileiro e sua relação com a derrota e a vitória. O torcedor e o escrete como Personagem da Semana. Também deixei as contraditórias apreciações do videoteipe. Porque as repetições ou contradições de Nelson Rodrigues são questões existenciais, culturais, estilísticas importantes.

Também selecionei para esta obra dois textos em que meu pai elogia um presidente da Ditadura Militar. Por que os elogios? Porque o presidente entendia de futebol e porque a «Revolução» criou a Loteria Esportiva. Era Nelson Rodrigues um ingênuo? Pode ser. Mas quantos, entre os brasileiros que amavam o país, não eram ingênuos na época em que Nelson Rodrigues viveu? Poucos.

Uma última observação: escolhi publicar dois fragmentos, apenas o primeiro parágrafo, em duas crônicas. Uma sobre nós vivermos das rendas do passado e a última, onde ele esclarece que, além de cronista, também é um dramaturgo. Nesta última, escrita já no final da vida, me pareceu interessante mostrar como esse grande autor precisa esclarecer isso. Quem sabe uma ligeira comiseração jocosa sobre o quanto leitores, às vezes, parecem des-

conhecer a riqueza e a diversidade mesmo quando estas lhes são oferecidas todos os dias um pouco.

As crônicas datadas do período de 1955 a 1962 mostram um Nelson Rodrigues diferente do que ele se tornou depois. Talvez a leitura de Nelson Rodrigues por ele mesmo, *A menina sem estrela* e *O reacionário* ajudem o leitor a compreender as mudanças no seu texto.

Foram essenciais para a organização deste livro a pesquisa extensa e dedicada de Julia Rodrigues Mota no acervo de nossa família e o diálogo com Janaína Senna. Sem elas, esta organização não seria a mesma.

Fiquei contente por Marcos Caetano ter aceitado o convite de fazer a apresentação. Apesar de não vê-lo há anos, eu tinha notícias de que ele continuava firme em comentar futebol, conhecer muito a obra de Nelson Rodrigues e torcer pelo Fluminense. Essas três teimosias facilitaram, imagino, ler o que o tricolor dos tricolores pensava do Brasil em campo.

Sonia Rodrigues

PREFÁCIO

Nem toda unanimidade é burra

Quando Sonia Rodrigues — filha, biógrafa e, nas horas vagas, médium psicográfica de Nelson Rodrigues — me entregou o conjunto de crônicas que havia selecionado para integrar a coletânea *Brasil em campo*, não pude evitar a sensação e muito menos o verbo que a descreve, usado tantas vezes pelo mestre: *fremi*. Sim, porque nada pode ser mais lisonjeiro e assustador para um pálido projeto de cronista esportivo do que o desafio de escrever a apresentação de uma coletânea do autor que simplesmente definiu o gênero no país. Na verdade, Nelson não foi o melhor cronista esportivo do Brasil: foi o melhor do mundo. E apenas para não encerrar o parágrafo sem pingar-lhe um pouco mais de espanto, é preciso dizer que o bardo da Aldeia Campista foi também o maior cronista, esportivo ou não, da nossa literatura. Um talento grande demais para ficar restrito à classificação limitadora e, às vezes, preconceituosa da expressão «cronista esportivo».

Muito já foi dito sobre o virtuosismo das crônicas de Nelson, embora alguns de seus biógrafos insistam na tese de que ele não entendia patavina de futebol, o que é uma enorme injustiça. Para mim, Nelson não era um cronista que pouco entendia de futebol. Ele era justamente o que mais entendia. Como só os profetas enxergam o óbvio, apenas a nossa Flor de Obsessão conseguia entender o esporte num sentido mais amplo e indiscutivelmente

mais verdadeiro: uma metáfora do Brasil e das glórias e derrotas do ser humano. Gostar de futebol apenas como jogo é tão limitante quanto gostar de música pelo ruído ou de pintura por conta das cores. Imaginar que o futebol se resume à tática é como crer que o melhor psicólogo é aquele que mais conhece a fisiologia do cérebro. Nelson era um psicólogo que sem dúvida entendia bastante sobre o funcionamento do cérebro. Mas, acima de tudo, ele era capaz de vasculhar as mais profundas entranhas da personalidade e os mais recônditos escaninhos da alma. E é por isso que ninguém jamais entendeu tanto de futebol quanto ele.

Felizmente, as crônicas de Nelson são documentos vivos e constituem prova categórica de seu conhecimento esportivo e — por que não? — sociológico. Em meio a uma geração de analistas que projetava as mais terríveis humilhações para o nosso futebol, sobretudo depois do fracasso de 1950, ele foi o arauto da consagração daquela que viria a ser a grande seleção das Copas de 58, 62 e 70. Como se isso não bastasse, foi o primeiro a outorgar o título de rei a Pelé. O fim do «complexo de vira-lata» do brasileiro, que a moderna propaganda política não se cansa de badalar, foi percebido pelo bruxo da rua Alegre com formidável antecipação. Uma antecipação de quase meio século. E essa clarividência não foi uma virtude restrita à crônica esportiva. Nos textos desta coletânea, o leitor descobrirá um cronista que vai muito além do esportivo. Neles, o que mais chama a atenção é o extraordinário destemor de opinião do autor. A propósito disso, já que falei da injustiça de se rotular Nelson como um cronista que não entendia de futebol, é simplesmente incompreensível que alguém com a coragem de fatiar em suculentos bifés as mais corpulentas vacas sagradas nacionais um dia possa ter sido chamado de reacionário. Mas essas são coisas que as novas gerações

de admiradores e estudiosos da vasta obra do autor estão cuidando de corrigir.

O tempo mostrou que o reacionário era, na verdade, um grande provocador. Nelson tinha razão sobre Pelé e Garrincha, mas também sobre o comunismo e a luta de classes, sobre a carece da opinião pública, sobre muitos dos debates da cultura nacional, sobre a vida, a morte e a paixão — sem a qual não se consegue chupar nem um Chicabon. Ao seu jeito, com opiniões definitivas e hipérbolos delirantes, ele foi um grande libertário. Atacava com todos os adjetivos que conhecia e alguns que inventava qualquer tentativa de submissão da liberdade individual a um pretenso «bem maior», normalmente representado por algum sistema político, linha de pensamento ou patrulhamento cultural. No trepidante Fla x Flu de sua vida, o grande inimigo foi a burrice. Contra ela, representada por idiotas da objetividade, cretinos fundamentais, lorpas, pascácios e quadrúpedes de 28 patas, Nelson dirigiu grande parte dos golpes nas teclas de sua célebre máquina de escrever.

É uma pena que um personagem tão *transmidiático* — como diriam os moderninhos —, que sempre soube mover-se com enorme fluência entre a televisão e o jornal, entre o cinema e a literatura, entre a cultura e o esporte, não tenha tido a oportunidade de viver em tempos de internet e redes sociais. Os folhetins de Nelson foram, sob muitos aspectos, os primeiros blogues. Suas peças foram pioneiras em transitar entre teatros, salas de projeção e aparelhos de televisão. Poucos autores da História se sentiriam tão à vontade quanto ele, em meio a tantas possibilidades de se fazer ouvir. É por isso que o tempo só o engrandece.

No ano de celebração do seu centenário [2012], a obra do Nelson cronista encontra-se atualmente quase tão reconhecida quanto sua consagrada dramaturgia. E este livro pode propiciar

um debate que há alguns anos seria impensável: terá sido ele maior na crônica ou no teatro? Nesse jogo clássico, como bom cronista esportivo, eu cravo um empate. A genialidade de um autor pode ficar encoberta pela tirania da crítica de sua época ou pelas nuvens do pensamento de uma geração cheia de dogmas de esquerda ou direita. Mas a qualidade de uma obra gigantesca jamais deixa de ser reconhecida pela história. Ela acabou fazendo justiça a Nelson Rodrigues. E hoje, para seu desespero póstumo, o homem que odiava as unanimidades se tornou uma delas.

Marcos Caetano

BRASIL EM CAMPO

BRASIL EM CAMPO

foi composto em caracteres Hoefler Text e Commerce Black, e impresso na Eigal, Indústria Gráfica, em papel Coral Book de 80 gramas, em Junho de 2018.